

MEDITAÇÕES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Na semana passada foi a notícia súbita da mocinha acidentada: um décimo de segundo, nos cruzamentos das órbitas, basta para vencer uma infinita distância, ou uma pequeníssima distância de infinita significação. Depois foi a notícia da morte do Papa: morte esperada, minuciosamente anunciada, vagarosamente elaborada, ano após ano, mês após mês, proclamada, desmentida, e por fim oficialmente confirmada. E depois... depois da morte pequenina da moça e da morte grande do Papa, ambas alheias, e portanto irredutíveis a uma experiência pessoal, tive nessa mesma semana a visita, ou o anúncio, ou o sopro de asa, se preferem, de minha própria morte. E posso vos assegurar, ó amigos solidamente imortais! que não há melhor dissolvente do que este para os cuidados, as preocupações, que antes pareciam ter tão grande valor. Tomemos por exemplo as eleições. Na véspera da tal personalíssima experiência, tive o desprazer de ouvir e de ver na televisão o sr. Leonel Brizola, que como todos sabem vem a ser cunhado do sr. João Goulart, Vice Presidente desta república e agora associado ao sr. Prestes que é o representante autorizado dos interesses russos no Brasil. Tudo isto e principalmente a fisionomia do gaúcho vitorioso me deram ímpetos de escrever artigos com termos que rompessem a barreira do som convencional. E por que não? A linguagem deve acompanhar os costumes? Se os costumes produzem uma vitória eleitoral com aqueles traços, por que diacho me ater a um vocabulário de outras eras?

Mas agora, instalado naquele tripé, vejo passar a torrente dos fatos e quase confundo as eleições de ontem com aquelas de seiscentos anos atrás, reguladas pela Bula de Ouro. Morreu a mocinha num cruzamento, e a vida dos outros continua; morreu o Papa e continua o papado e a despencada correria da Igreja neste mundo. Tudo é pretérito, e a única coisa que não passa é o passado. A história é um pé de vento, os episódios são a poeira levantada. Passado o vento, acama-se a poeira, e mais ninguém será capaz de distinguir o grão que foi Imperador do Sacro Império ou Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Os contemplativos tinham antigamente o hábito de ter uma caveira diante dos olhos. Nós outros, que nos prendemos demais ao visgo do mundo, temos de passar por agudas provações físicas para nos lembrarmos de nossa alma e da vida eterna. Seria bom adornar os palácios de governo e as casas de congresso com sinais escatológicos... Mas seria mesmo? Talvez não, porque êsses sinais são facas de dois gumes. O famoso discurso de Bossuet diante de um cadáver talvez tenha convertido algum pecador, mas também poderá ter agravado a situação de outro. Já o apóstolo sentia a ambiguidade das coisas quando dizia que éramos as mais desgraçadas criaturas, e que comêssemos e bebêssemos se o Cristo não havia ressuscitado. Não. Não convém levar longe demais a lição de nossa profunda desgraça... Eles já comem e bebem demais.